

O "Aurélio" na política

Samuel, José
JORNAL Wilson Figueiredo
BRASIL

O verbo *aprontar*, graças à nova república, está distinguido com a honra e o privilégio, acima de qualquer suspeita, de ser intransitivo. Vale também por si mesmo, e se dispensa de apresentar explicações complementares. Quem disser que o presidente Sarney *aprontou*, não precisará mais explicar do que se trata.

Pelo peso específico desse verbo, que se fez presidente e habita entre nós por cinco anos, quando se diz que José Sarney *aprontou* já está subentendido que boa coisa não é. Se a ação agora se encerra no próprio verbo, sem a obrigatoriedade de um consistente objeto direto, então a democracia pelo menos já fez o corte de palavras que são também despesas de governo. Antigamente era obrigatória a indagação: o que efetivamente *aprontou* o sujeito do verbo? Não passaria incólume. O mínimo que se poderia esperar é que alguma ele tivesse *aprontado*. Sujeito, verbo e complemento eram inseparáveis.

Sarney *aprontou*? Muito bem, está subentendido que fez o que não devia. Ficaram os dois amigos, o sujeito e o verbo. O complemento foi ser fiscal do presidente no supermercado. Isto é, acabou ocioso. A mais original contribuição democrática da nova república foi dispensar o verbo *aprontar* do complemento que todas as repúblicas anteriores exigiam. Daqui por diante, os dicionários vão poder registrar mais essa propriedade implícita nesse verbo, como contribuição específica da nova república e — por que não? — do presidente (e não do escritor) José Sarney.

Aprontar, verbo intransitivo, não é uma criação dos nossos dias. Floresceu agora, mas tem raízes no passado de dois esportes bem estabelecidos no Brasil: quem é de turfe sabe que há muito se diz, entre apostadores, que o cavalo tal *aprontou* satisfatoriamente para o grande prêmio. O futebol também já usou — e deixou de lado — o substantivo *apronto* e o respectivo verbo *aprontar*, para o último treino antes do jogo.

O *Aurélio* vai em breve consignar que o verbo *aprontar* deixou de ser transitivo e direto, com franquia intransitiva reservada apenas a duas modalidades de esporte. Fará constar a nova acepção, que é a de fazer o sujeito o que não devia — isto é, uma tolice. E citará então o sujeito e autor no mesmo exemplo: "O presidente Sarney *aprontou*", para tornar acessível ao conhecimento geral o erro de chamar de público o ministro Pires para vetar o parlamentarismo.

O futuro dirá a última palavra, com maior clareza e abundância de dados, a respeito do erro de *aprontar* o presidente em cima da Constituinte, que ainda não — vá lá — *aprontou* o seu trabalho. Já se foi o tempo, e com ele várias repúblicas que passaram por nós, em que *aprontar* era apenas um verbo da primeira conjugação, e com todos os seus significados nos dicionários: deixar pronto, preparar, concluir e começar, além de outros que não vêm ao caso. Aparentemente, concluir e começar são coisas opostas para exprimirem situações parecidas com o uso de um só verbo. *Aprontar* usava-se, indiferentemente, no começo e na conclusão.

Terminar uma obra administrativa exprimia-se adequadamente, no passado republicano, com o verbo *aprontar*, principalmente quando o sujeito era o presidente da República:

Sarney *apronta* a rodovia Norte-Sul antes de sair do governo. Suponha-se ainda que Sarney tivesse concluído mais um romance ou um novo livro de ferroadas, livres ou rimadas. Teria *aprontado* o volume a ser entregue ao editor.

Era talvez mais complicado lidar com sujeito, verbo e complemento nas doses certinhas, mas a clareza se beneficiava. Agora é mais fácil, mas o significado do verbo que despede o complemento depende de um terceiro que não entra na oração: aquele que lê. Dizer que Sarney *aprontou*, no caso do parlamentarismo, excede os limites da gramática para invadir o espaço da política.

Voltando ao começo, é tempo de dizer que não era apenas um verbo em fim de linha, com o sentido terminal exclusivo, esse *aprontar* que exprime, melhor que qualquer outro, a versatilidade da nova república. *Aprontar*, no tempo do barato, podia alternativamente significar também o início de uma ação. *Aprontar* um berreiro era característico de menino birrento quando queria dobrar o autoritarismo paterno. O mais atual exemplo dessa acepção do verbo *aprontar* foi o dos governadores, depois que o governo federal anunciou, com a faca cega na mão, que iria cortar as despesas.

Tem muito mais do que se pensa o verbo *aprontar* a ver com a nova república. A relação dele com o sujeito presidencial é intransitiva. *Aprontar* tornou-se um verbo quase para uso privativo da república e uso pessoal do presidente. Algum alfaiate está *aprontando* o jaquetão azul-marinho para a próxima viagem do presidente. O verbo continua a ser o que sempre foi, mas acrescido do sentido que o atualizou. A nova república reconheceu intransitivamente o verbo *aprontar*, por conta própria, ao tirá-lo da gíria e elevá-lo ao nível do poder.

A etiqueta antes era rigorosa e queria saber com indiscrição o que o sujeito da frase *aprontou*. O mínimo que em bom português se podia dizer era que alguma ele havia feito. Já estava implícito, porém, a franquia que a nova república adotou. Dizia-se: fulano *aprontou* alguma. Caiu o alguma. No caso específico do parlamentarismo, a utilização do verbo no que diz respeito ao presidente Sarney não exorbita o devido respeito. Foi um erro de múltipla ordem, porque o presidente ficou contra o senador Sarney, por motivos que não *aprontaram* uma explicação satisfatória.

O senador era um parlamentarista que testemunhava, nos postos de confiança por onde peregrinou, a incompatibilidade brasileira com o exercício do presidencialismo. Ninguém explicou direito por que o presidente Sarney — quem diria — acabou presidencialista, depois que passou a viver as situações que antes via como espectador privilegiado.

Não importa que as palavras do presidente exaltem o presidencialismo. Os atos têm a convicção íntima e antiga em favor do parlamentarismo. Não há explicação para esse Sarney inteiro pelo avesso. A história lhe fará justiça no dia em que tiver de reverenciar os que contribuíram efetivamente para o parlamentarismo. A Sarney o que for dele: a demolição do presidencialismo, que impediu até hoje que se *apronte* a democracia.

Se o presidente *aprontou* — no caso específico do parlamentarismo — é de justiça reconhecer, noutra *leitura* do verbo, que Sarney no fundo está *aprontando* uma, definitiva, em favor do parlamentarismo.